



Relato encontro do grupo É possível! de 08/08/2015

Amigos:

Na reunião do último dia 8 de agosto um ponto chamou a nossa atenção: cada relato da situação presente vivida com nossos vulneráveis mobilizava-nos de modos às vezes parecidos, às vezes diferentes. Em síntese, nossa reunião foi matizada pelo alívio, preocupação e dúvida, aflição, grande medo, sensação estranha de estar totalmente dentro de todas as experiências relatadas com seus diferentes tons emocionais e, simultaneamente, estar fora delas.

O que reparamos foi que, ao fazer circular entre nós as histórias pessoais com suas dificuldades e tentativas de manejo dos eventos nos quais estivemos mergulhados, estávamos também falando do lugar interno que criamos para lidar com esses acontecimentos. Em outras palavras, estávamos revelando como nos relacionamos com o que acontece, em nosso dia a dia, na interação com os vulneráveis.

Percebemos em alguns relatos um tom menor, triste, desesperançado que trazia junto uma crença implícita: a de estarmos no centro do insolúvel, vivendo dentro dele e não entendendo bem sequer a extensão do problema com o qual lidamos. Um dos sentimentos muito vivos e presentes era : Nada muda, mas queremos que mude!

Partilhamos vivências, pensamentos e sentimentos. Temos medo do que pode acontecer com nossos vulneráveis: podem morrer, sumir pelo mundo. Parece que um círculo vicioso se perpetua num conflito sem fim, sobretudo para alguns: Não querem se tratar! Negam sua vulnerabilidade. Vivem como realidade sonhos “impossíveis”. Não sabemos o que fazer! E não temos receitas. Vieram os questionamentos: como colaboramos com essa situação? Será que fazemos tudo o que é possível para amenizar o sofrimento deles?

Num certo momento mudamos a direção das nossas perguntas: como colaboramos conosco? Será que fazemos o possível para amenizar nosso sofrimento? Vimos, sobretudo, um ponto de contato entre nossos sentimentos e os dos vulneráveis: a dificuldade de lidar com nossa frustração, impotência e vergonha diante da vida.

Por onde começar a mudança que tanto desejamos? Onde está a chave?

Sentimos a necessidade de mudar nossa maneira de pensar sobre a esquizofrenia em seus vários aspectos. *Para isso precisamos de informações.* Contamos com o apoio dos profissionais do IPUB ligados a esse projeto e cujo apoio é imprescindível. E o mais difícil: como mudar nossos sentimentos? As informações preparam uma atmosfera interna para que escolhamos dar um passo a frente: perceber de um modo diferente a vulnerabilidade e o vulnerável. O que é um problema para nós não é necessariamente problema para ele. O que não é problema para nós pode ser (e geralmente é!) um sério problema para ele.

Nosso caminho, nesse relacionamento, é uma constante aprendizagem porque sempre nos vemos numa posição incômoda: *estamos entre. Entre expectativas e fatos. Entre esperança e desesperança. Entre solidão e solidariedade. Entre o que nos parece a imposição da vida e nossas escolhas. Mas esse lugar híbrido também é o que nossos vulneráveis habitam, ao seu modo.*

O caminho da mudança só pode ser construído dentro de cada um de nós e em cada um deles. Além do que entendemos por adoecimento e “normalidade”, cada vulnerável tem sua personalidade e faz escolhas diferentes das nossas. Muitas vezes não suportamos essas diferenças porque não as consideramos desejáveis (e podemos ter muita razão nisso!) e, sobretudo, *não queremos sofrer.* Mas precisamos tornar a dor um sofrimento? Precisamos nos agarrar ao sofrimento e fazer dele o centro a partir do qual gira a nossa vida?

Houve, ao final da reunião, uma sugestão de que trabalhemos juntos, num dos próximos encontros, o tema da culpa.

Nossas próximas reuniões ficaram agendadas para os dias 5 e 19 de setembro. Por favor, anotem em suas agendas. Grata!

Clarice